

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: Proj. de Colonização

Data: 20/10/83

Pg.: 44



Fronteira Brasil — Bolívia/Fotos de Edilson Martins

Nos projetos de colonização, os desempregados descobrem a dureza da vida na selva

# Colonização leva ao Acre operários desempregados

Edilson Martins

**Brasiléia-AC (Fronteira Brasil-Bolívia)** — Apenas em agosto e setembro, chegaram ao Acre 601 famílias, num total de 3 mil 51 pessoas, procederes do ABC paulista, da zona industrial de Betim, em Minas, e de áreas em litígio no Mato Grosso do Sul.

O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que está transferindo toda essa gente, já instalou 6 mil 403 famílias, num total aproximado de 44 mil pessoas, em cinco projetos de assentamento dirigido, distribuídos por diferentes regiões do Acre, na fronteira com a Bolívia e o Peru.

### Perplexidade

Moab Clemente dos Santos, bancário, 22 anos, ex-funcionário do Banco Econômico de São Paulo, em Santo Amaro, SP, onde trabalhou três anos, comentou sua experiência no meio da selva, dispondo apenas de uma espingarda e um facão: "Daqui pra frente será o que Deus quiser. O futuro a Deus pertence. Não era assim que o Armando Falcão dizia?"

Metalúrgicos, bancários, pedreiros, capiteiros, comerciantes e industriários desempregados estão chegando à Amazônia para ocupar os espaços vazios. Esses projetos de assentamento do INCRA estão gerando uma polêmica interminável em toda a região.

O presidente do Banco do Estado do Acre, Osmir Lima, disse que "deveríamos suspender essa migração. Seria um gesto corajoso, num certo sentido audacioso, mas chamaria a atenção da nação para o que estão fazendo com essa gente. Esse pessoal que estão trazendo para colonizar a Amazônia não tem nenhuma intimidade com a agricultura. E — o que é mais grave — tampouco com a Amazônia."

Quem percorre as glebas, os lotes de 60 e até mesmo 100 hectares que estão sendo distribuídos pelo INCRA nos municípios de Rio Branco, Senador Guimard, Plácido de Castro, ou mesmo nos distantes Brasiléia, fronteira com a Bolívia, ou Cruzeiro do Sul, fronteira com o Peru, descobre uma situação dramática e cruel.

Famintos, mal-instalados, morando em cabanas cobertas por plásticos, numa região onde o calor ultrapassa os 40° com relativa facilidade, sem água, sem assistência médica, sem estradas de acesso, os trabalhadores especializados do Centro-Sul industrial aprendem duramente, nas primeiras semanas e primeiros meses, a lidar com a Amazônia rural, desconhecida, indezavável e selvagem.

### Desafio

O chefe da Coordenadoria Especial da Amazônia Ocidental (CEAO/INCRA), coronel Marne Paiva e Silva, ex-comandante do 7º BEC (Batalhão de Engenharia e Construções) sediado em Cruzeiro, tenta amenizar o sofrimento dos recém-chegados do Centro-Sul.

Ao INCRA — disse o coronel — cabe o assentamento, a distribuição das terras. O responsável pelos outros serviços é o Estado. Ocorre que o Acre está isolado, e é pobre, o que não é novidade para ninguém. Estou mantendo contato com as autoridades estaduais para resol-

vermos juntos esse problema terrível que esta gente está vivendo.

Sob a jurisdição do coronel Marne Paiva e Silva estão 32 milhões de hectares a serem distribuídos pelo INCRA. Há apenas três meses na função, o coordenador do CEAO/INCRA enfrenta um desafio que considera difícil. Por enquanto, quase só teve acesso ao Acre por avião ou por via fluvial, principalmente a partir de novembro, quando as chuvas inundam e estrangam as estradas.

Quando asfaltarem o trecho Porto Velho—Rio Branco, ligando Rondônia ao Acre, ninguém mais conseguirá controlar o êxodo em massa para esta última fronteira agrícola do país — afirmou o coordenador dos projetos de colonização do INCRA para o Acre, Amazonas e Roraima, Odimilson Sousa Queiros.

### As dificuldades

Laudelino Clemente dos Santos, 53 anos, mecânico-eletricista que vivia em Santo Amaro, SP, garante que está "passando fome. Fomos obrigados a comer até o que trouxemos do Sul. O feijão e o milho que pretendíamos plantar evitaram que morrêssemos de fome. Nós e nossas famílias".

No projeto de Assentamento Dirigido Pedro Peixoto, Elisabeth da Silva Fiúza, 23 anos, preparava um mingau para os três filhos.

Eles estão comendo mingau de mandioca com sal há dois meses. Se continuar assim vão morrer.

Elisabeth contou que seu marido, o ex-carpinteiro José Fiúza, estava "na selva com outros companheiros, de facão na mão, tentando localizar as nossas terras. É difícil, quase impossível". De fato, José Fiúza conhece apenas o que viu nos filmes de Tarzã.

Antônio Garcez, soldador; Genival Araújo, electricista; Raimundo Gomes, industrial; José Antônio, pedreiro — todos do pólo industrial de Betim, perto de Belo Horizonte — foram com as famílias para glebas em Quixadá, no município de Brasiléia. Vivem mal e pagam caro pela alimentação. Para se ter uma idéia, um quilo de feijão custa Cr\$ 1 mil 200; arroz, Cr\$ 800; uma lata de óleo, Cr\$ 1 mil 400; uma dúzia de ovos, Cr\$ 1 mil.

Esses preços — comenta Carmelina de Assis, quatro filhos, mineira de Belo Horizonte — constituem uma fantasia. Apenas temos notícia deles, já que não podemos sequer sonhar em comprar uma dúzia de ovos, ou mesmo meio quilo de cenoura, que custa Cr\$ 2 mil o quilo. O INCRA fornece uma ajuda de Cr\$ 30 mil por família, nos primeiros seis meses. Como pensar em comer além de feijão com farinha? Só mesmo nos delírios durante os sonhos. Minha filha de 12 anos, por exemplo, sonha com mesas cheias de queijo, pão e leite. Mas quando vai comer tudo se transforma em barro vermelho e lamacento. Igualzinho o que a gente vê nos cercando nessa selva sem fim.

### Gravidade

Quando um grupo de 55 famílias paulistanas acampou nas escadarias do Palácio do Governo exigindo alimentos e assistência, o Governador Nabor Júnior

enviou telex ao Ministro Extraordinário para Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, e ao presidente do INCRA, Paulo Yokota, denunciando a gravidade da situação.

O empresário Maurício Lisboa acha que o pior ainda está por vir: "O coordenador do INCRA no Paraná me informou que existem cerca de 50 mil famílias interessadas em se instalar em terras acreanas. Ora, basta asfaltarem o trecho Porto Velho—Rio Branco, 500 e poucos quilômetros, o que ocorrerá nos próximos três anos, e a pressão para o Acre será insuportável. Até porque as terras acreanas são as mais ricas de toda a Amazônia".

Rubens Calvo, metalúrgico, e sua mulher, Sueli Calvo, auxiliar de escritório, que moravam na Capital paulista, falaram sobre os motivos da vinda para a Amazônia.

Desemprego primeiro; depois o subemprego. Ora, o subemprego é alguma coisa que humilha um homem, e também sua família — afirmou Rubens.

No início — continuou Sueli — vendemos roupas, trabalhamos para algumas confecções, vendemos livros, mas aos poucos foi ficando claro que caminhávamos para a marginalidade, ou para a semimarginalidade.

José Claro Fiúza, também paulista, lembrou: "Foi-nos exibido um filme, lá em São Paulo, mostrando estradas passando às portas de cada lote, terras demarcadas, madeira beneficiada para a construção de residências, ambulância atendendo os agricultores, a Sucan atuando eficazmente no combate à malária. Isto tudo na Coordenadoria do INCRA em São Paulo. Ora, é visível que fomos vítimas de um grande calote".

### Transferência

O jornalista Elson Silveira, editor de um jornal da Capital acreana, acha que mais uma vez o Centro-Sul industrial serve-se da Amazônia para esvaziar suas tensões sociais, sem levar em conta as peculiaridades da região. Isso vai gerar terríveis desacertos.

O drama maior é a inoportunidade da migração. A partir de outubro e novembro desabam as chuvas, parando o tráfego nas estradas e impedindo as derrubadas e queimadas. As terras distribuídas são mata virgem, com árvores de 30 a 40 metros de altura. Não pode haver plantio, antes da derrubada e da queimada.

Como as chuvas só param a partir de maio, os novos colonos ficarão até lá sem sequer poderem plantar. Terão um inverno maldito. Colher mesmo, só poderão fazê-lo no próximo inverno, isto é, a partir da segunda metade do próximo ano. Até lá, não havendo ajuda, é possível que muitos morram de fome.

Os mosquitos — *Falsiparum* e *Vivax* — começaram a fazer vítimas, antes mesmo das grandes enchentes, quando proliferam em águas paradas. No Projeto Pedro Peixoto, no quilômetro 61 da BR-364 (trecho Porto Velho—Rio Branco), em cada 100 lâminas examinadas, 90 acusaram malária. Os colonos não têm resistência para suportar a febre.



Moab Clemente dos Santos, ex-bancário em São Paulo, levou a família para o Acre